

AQUISIÇÃO DE PORTUGUÊS (ESCRITO) COMO SEGUNDA LÍNGUA POR SURDOS: RESULTADOS DA PESQUISA LINGUÍSTICA E IMPLICAÇÕES EDUCACIONAIS

*Heloisa Maria M. L. Salles¹
Aline Camilla Romão Mesquita²*

RESUMO: Neste estudo, temos por objetivo investigar aspectos da situação linguística dos surdos, tendo em vista a relevância da educação linguística para sua socialização no âmbito da comunidade surda, por meio da língua de sinais brasileira (LSB), e com os ouvintes, por meio do português (escrito), adquirido como segunda língua. Nesse contexto, surgem questões políticas e científicas, que propiciam, por um lado, avanços sociais e institucionais e, por outro, a ampliação do conhecimento científico, particularmente em relação à Língua de Sinais Brasileira (LSB), na relação com outras línguas naturais. Adotando o quadro teórico da gramática gerativa, apresentamos resultados de pesquisas prévias em relação ao tema da aquisição de português como segunda língua por surdos em contexto educacional, demonstrando a eficácia da hipótese da interferência da L1, bem como o papel do aporte da interpretabilidade dos traços formais no desenvolvimento linguístico.

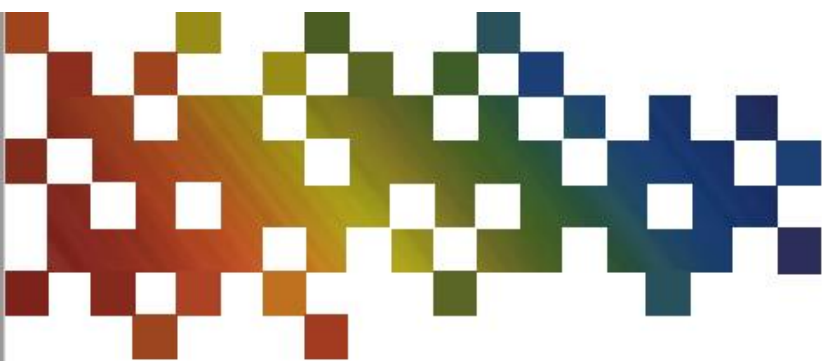
PALAVRAS-CHAVE: Língua de Sinais Brasileira; aquisição de segunda língua; caso dativo.

ACQUISITION OF (WRITTEN) PORTUGUESE AS A SECOND LANGUAGE BY THE DEAF: RESULTS FROM LINGUISTIC RESEARCH AND EDUCATIONAL IMPLICATIONS

ABSTRACT: In this study, we aim to investigate the linguistic situation of the deaf, pointing out the relevance of linguistic education for their socialization within the deaf community, by means of the Brazilian Sign Language (BSL), and with non-deafs, by means of (written) Portuguese, which is acquired as a second language (L2). In this context, a number of scientific and political questions arise, which lead to social and institutional advancements, on one hand,

¹ Professora Associada ao Instituto de Letras da Universidade de Brasília, atuando no curso de Licenciatura e Bacharelado em Letras – Português. É credenciada no Programa de Pós-Graduação em Linguística, estando sua produção científica orientada para a teoria da gramática, e suas aplicações, com ênfase no ensino de gramática.

² Doutoranda em linguística pela Universidade de Brasília (UnB). Possui mestrado em Linguística (2008) e graduação em Letras-Português (2004), ambos pela Universidade de Brasília. Atua principalmente nos seguintes temas: Libras, preposição, português como segunda língua, aquisição de linguagem e gramática gerativa.



and to the development of scientific knowledge on the other, particularly with respect to the Brazilian Sign Language (BSL) in its relation to other natural languages. By adopting the generative grammar framework, we discuss the results from previous analyses concerning the topic of acquisition of Brazilian Portuguese as a second language by the deaf, showing the adequacy of the L1 interference hypothesis, as well as the role of the interpretability of formal features in language development.

KEYWORDS: Brazilian Sign Language; second language acquisition; dative case.

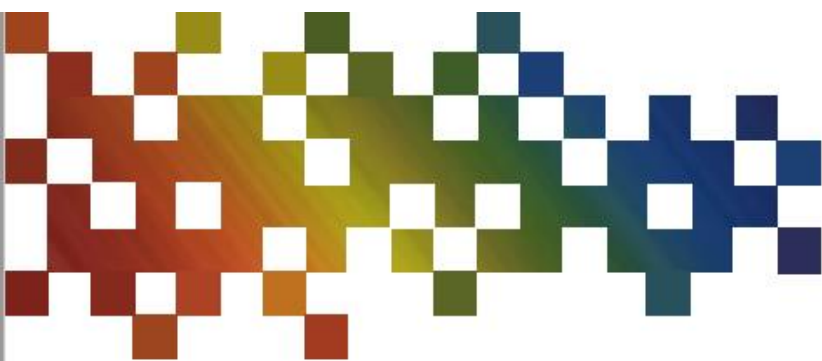
ADQUISICIÓN DE PORTUGUES (ESCRITO) POR SORDOS COMO LENGUA SEGUNDA: INVESTIGACIÓN LINGÜÍSTICA Y IMPLICACIONES EDUCATIVAS

RESUMEN: En este estudio, nuestro objetivo es investigar la situación lingüística de los sordos, señalando la relevancia de la educación lingüística para su socialización dentro de la comunidad sorda, por medio de la Lengua de Señas Brasileña (BSL), y con los oyentes, por medio del português (escrito), que se adquiere como lengua segunda (L2). En este contexto, surgen cuestiones científicas y políticas, que conducen a avances sociales e institucionales, por un lado, y al desarrollo del conocimiento científico, por otro lado, particularmente con respecto a la Lengua de Señas Brasileña, en su relación con otras lenguas naturales. Adoptando el marco de la gramática generativa, discutimos los resultados de análisis previos sobre el tema de la adquisición del português brasileño (por escrito) como lengua segunda por los sordos, mostrando la adecuación de la hipótesis de la interferencia de L1, así como la importancia de los rasgos formales interpretables en el desarrollo lingüístico.

PALABRAS CLAVE: lengua de señas brasileña; adquisición de lengua segunda; caso dativo

Introdução³

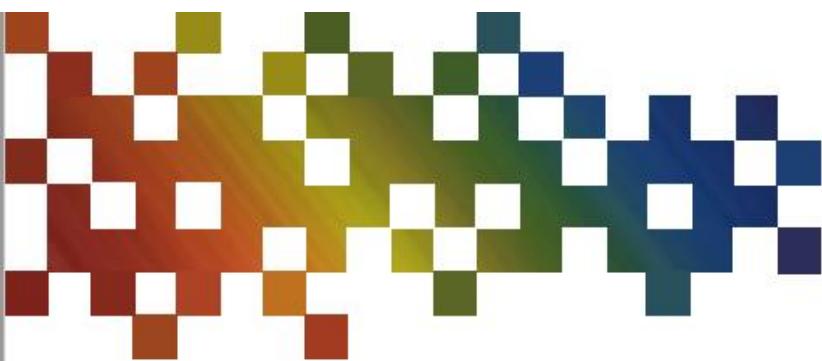
³ Este trabalho, em co-autoria com Aline Mesquita, foi apresentado por Heloisa Salles no II Encontro Internacional e VIII Encontro Nacional do Grupo de Estudos Linguísticos do Centro-Oeste. Agradeço à comissão organizadora do GELCO 2017, na pessoa da Profa. Sílvia Calixto, pelo convite para participar da mesa redonda “O crescimento dos estudos em Língua Brasileira de Sinais: perspectivas para a consolidação no ensino”, juntamente com a Profa. Dra. Nilce Maria da Silva (Unemat), a Profa. Dra. Mariângela Estelita Barros (UFG) e Prof.^a Dr.^a Sandra Patrícia de Faria do Nascimento (SEEDF/UnB). Esse momento privilegiado permitiu-me divulgar resultados da pesquisa desenvolvida no âmbito da Universidade de Brasília, sob minha supervisão acadêmica, assim como interagir com as colegas convidadas, a quem também agradeço pelo debate profícuo que amplia os horizontes do conhecimento.



A situação linguística dos surdos é tema de interesse para a sociedade, pelas amplas questões que suscita, que incluem a socialização entre os membros da comunidade surda por meio da língua de sinais brasileira (LSB), e com os ouvintes, por meio do português (escrito), que é adquirido como segunda língua, com as consequências decorrentes. Nesse contexto, surgem questões políticas e científicas, que propiciam, por um lado, avanços sociais e institucionais e, por outro, a ampliação do conhecimento científico, particularmente em relação à Língua de Sinais Brasileira (LSB), também referida com libras, na relação com outras línguas naturais. Essas iniciativas encontram ainda aplicações diversas, destacando-se as educacionais.

Neste trabalho, apresentamos resultados da pesquisa linguística acerca da aquisição do português (escrito) como segunda língua por surdo, e suas implicações educacionais, conforme desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade de Brasília, particularmente na área de concentração “Gramática: teoria e análise”. A investigação dessas questões tem mostrado a relevância do tema e o potencial que detém para o desenvolvimento científico. Adotando a abordagem da gramática gerativa (cf. CHOMSKY, 1986, 1995), os trabalhos investigam as propriedades gramaticais da LSB, na relação com outras línguas naturais, bem como o desenvolvimento linguístico, particularmente em relação às características da interlíngua, na aquisição do português (escrito) como segunda língua, considerando particularmente estruturas com argumentos dativos.

O trabalho terá o seguinte desenvolvimento: apresentaremos primeiramente a base teórica das pesquisas realizadas, em relação ao processo de aquisição do português escrito como segunda língua (L2), em seguida, faremos uma síntese dos estudos gramaticais realizados acerca da LSB, considerando, particularmente, a pesquisa sobre preposições e sobre a expressão sintática da estrutura argumental, considerando as propriedades morfossintáticas das classes verbais nessa língua. Tomando como referência as características da LSB, fazemos uma discussão acerca da interferência da



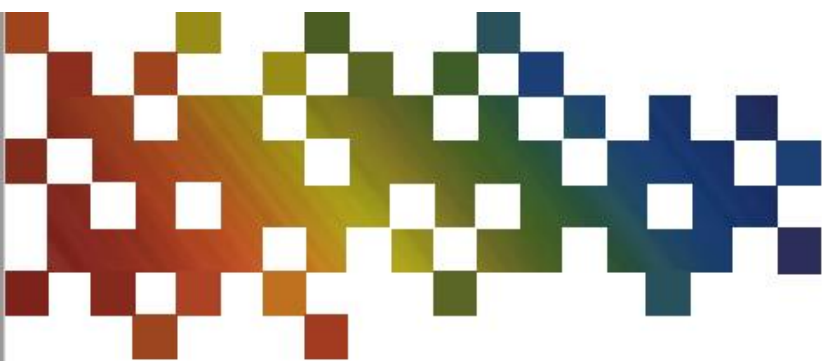
LSB (L1) na interlíngua de surdos, conforme evidenciam os estudos realizados, os quais vêm trazer sustentação às hipóteses de trabalho, dando ensejo às considerações finais.

O problema lógico da aquisição de segunda língua (L2)

A pesquisa científica orientada para a aquisição de segunda língua (L2) desenvolve-se na esteira das pesquisas em aquisição de primeira língua (L1), embora as diferenças entre os dois fenômenos sejam mutuamente relevantes para a investigação científica das propriedades observadas. O ponto principal desse contraste é o fato de que a aquisição de L1 manifesta universalidade e uniformidade, diferentemente da aquisição de L2, em que tais propriedades não se manifestam consistentemente – exceto nos casos em que ocorre o chamado bilinguismo (simultâneo/ sucessivo precoce). Na abordagem da gramática gerativa, a aquisição de (primeira ou segunda) língua é um fenômeno determinado por estruturas cognitivas inatas, que se manifestam como uma capacidade de domínio-específico, por sua natureza especializada.

Conforme proposto originalmente pelo linguista Noam Chomsky, na aquisição de língua (materna/L1), é acionado o dispositivo inato de aquisição de língua (*Language Acquisition Device* – LAD), que se manifesta em um estado mental inicial, *State₀*, também designado como Gramática Universal (GU), o qual, no contato com os dados do *input* – os dados linguísticos primários (*Primary Linguistic Data* – PLD) –, gera sucessivos estados mentais intermediários até atingir o estado mental final, *State_n*, que corresponde ao conhecimento linguístico de uma língua/ gramática particular, também referida como a Língua-Interna/ *I(nternal)-language* ou *competência* linguística do falante. A Língua-I opõe-se à língua externa/ *E(xternal)-language*, que corresponde à coleção de enunciados produzidos, também referidos como os dados do desempenho do falante (cf. CHOMSKY 1986, 1995).

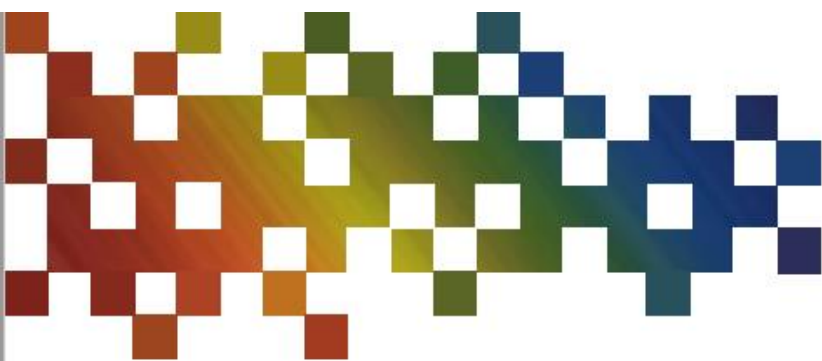
O problema lógico da aquisição de segunda língua (doravante AL2) formula-se com base na hipótese de que o conhecimento linguístico dos falantes não-nativos,



definido como as gramáticas subjacentes da interlíngua, exibe propriedades das línguas naturais, o que permite supor que seja determinado pela GU (SCHWARTZ, 1998). Em relação à natureza da representação sintática na AL2, existe controvérsia em relação ao papel da GU. Uma hipótese baseia-se no fato de que é possível identificar, na L2, propriedades que não estão suficientemente evidentes – ou não ocorrem – nos dados da L1, que constituem o *input* linguístico da aquisição da L2.⁴ Diante disso, supõe-se que a AL2 – como a aquisição da primeira língua (AL1) – requer o acesso à GU, cabendo investigar se o acesso à GU é direto ou mediado pela L1, o que remete ao problema da *interferência* da L1 (cf. WHITE, 2003, entre muitos outros).

De fato, são evidentes as características de incompletude da interlíngua em relação à língua-alvo, havendo a possibilidade de que certas formas resistam, mesmo para aprendizes em estágios avançados – um problema de natureza conceitual para a maioria das correntes de investigação do desenvolvimento da L2. Tal fenômeno, referido como *fossilização*, tem sido analisado como efeito do *período crítico*, o qual diz respeito à interação entre o desenvolvimento de áreas do cérebro e o estímulo externo. No caso da aquisição de língua, o *período crítico* se refere à constatação de que a infância é o período propício, em oposição à fase adulta (cf. LENNEBERG, 1967 apud GUAUSTI 2002). Do ponto de vista neurológico, o *período crítico* condiciona a ocorrência das conexões neurológicas à presença de estímulos externos em um determinado momento do desenvolvimento biológico, o que indica sua limitação no tempo. Isto é, não havendo o estímulo externo no tempo adequado, as conexões não ocorrem, e o perfil cognitivo do indivíduo é afetado. Em contrapartida, existem mecanismos cognitivos de compensação que podem ser ativados (com certo grau de

⁴ A origem das propriedades não presentes no *input* encontra diferentes interpretações nas abordagens teóricas da AL2. Conforme observado em White (2003), o debate envolve, além da verificação empírica, as diferentes interpretações e conseqüente confusão terminológica na caracterização e utilização de termos como ‘acesso total’, ‘acesso parcial’, ‘acesso (in)direto’, relativos ao estado inicial da AL2, em que se supõe: acesso somente à GU (e independência total em relação à L1); acesso à GU somente via L1; acesso inicial à L1 e posterior refixação de parâmetros; acesso à GU via L1 (mas não restrito à L1).

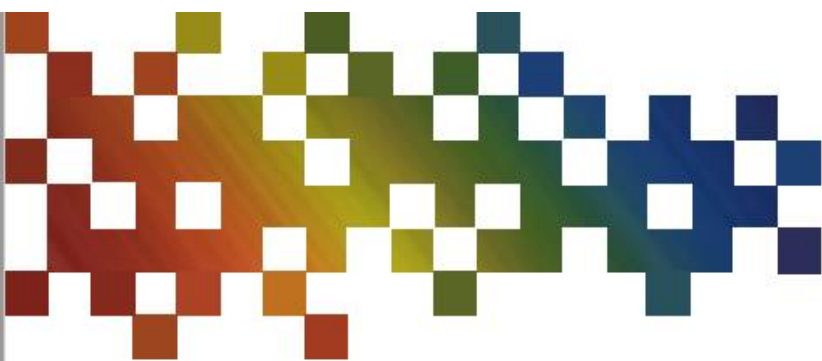


variabilidade). É o caso, por exemplo, das pessoas surdas, em que “as áreas auditivas assumem algumas funções visuais ampliando-se a visão periférica” (traduzido de HAWKINS 2001: 353-4).

Entre os efeitos do período crítico observados na aquisição de segunda língua – L2, além da fossilização, que consiste na estabilização da aquisição em certos estágios (não observada na aquisição da L1), e seu corolário, que é a grande variação individual em relação ao êxito na aquisição, destaca-se a indeterminação das intuições (no julgamento sobre o que permitido ou não na gramática); a influência dos fatores afetivos, como a motivação – que parecem não ter efeito na aquisição de L1 (*língua materna*), pelo menos com as mesmas características (cf. GUAISTI, 2002). Dessa forma, a L1 – ou a interferência da L1 – é a fonte original da *opcionalidade*, considerada inerente à manifestação da interlíngua (cf. SORACE, 1999).

No estudo a seguir, adota-se a hipótese de Tsimpli (2003, 2004), segundo a qual os padrões de opcionalidade observados na interlíngua podem ser explicados em termos da oposição entre traços formais interpretáveis e não-interpretáveis – uma versão fraca da hipótese que postula não ser possível a refixação de valores paramétricos, estando o aprendiz deterministicamente limitado a operar com os parâmetros da L1 (acesso parcial), em associação com mecanismos de aprendizagem.⁵ A autora parte da hipótese de que, na AL2, o mapeamento de traços formais abstratos na estrutura morfo(fono)lógica é restrito a um subconjunto de traços, a saber aqueles em que se identifica aporte de interpretabilidade (cf. LOPES; QUADROS, 2005; SALLES;

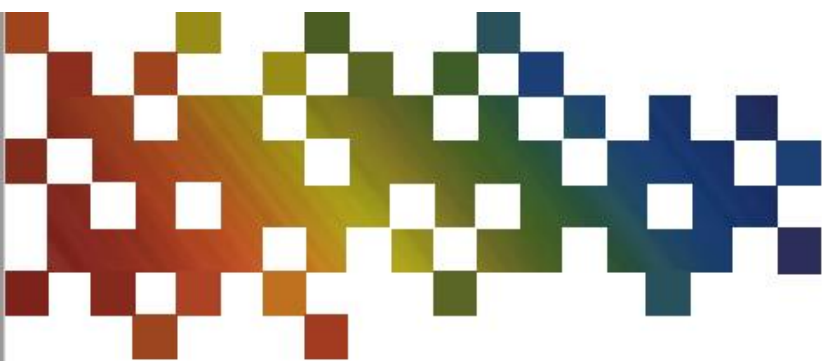
⁵ O contraste entre traços formais interpretáveis e não-interpretáveis tem sido explorado na teoria gerativa no âmbito de operações de checagem de traços formais: conforme proposto em Chomsky (1995, 2001), o sistema computacional da linguagem humana (C_{HL}) gera descrições estruturais das expressões linguísticas, operando sobre (feixe de) traços formais, os quais, juntamente com traços semânticos e traços fonológicos, são constitutivos dos itens lexicais. Traços formais interpretáveis são os traços de número e pessoa no nome, e traços formais não-interpretáveis, são os traços número e pessoa no verbo. Enquanto traços formais interpretáveis permanecem ativos no decorrer da derivação, sendo interpretados na forma lógica, traços não-interpretáveis devem ser eliminados/ valorados. A eliminação/ valoração do traço não-interpretável ocorre pelo pareamento com os traços interpretáveis correspondentes em determinado domínio sintático.



PIRES 2011). Inversamente, traços formais não-interpretáveis resistem à refixação paramétrica. Nesse sentido, em relação a traços gramaticalizados na L2 e não na L1 (ou marcados para valores paramétricos diferentes na L1 e na L2), a previsão é a de que são encontrados padrões diferenciados de desenvolvimento na aquisição de traços formais não-interpretáveis, quando comparados com traços interpretáveis (cf. SALLES; NAVES 2010).

Um aspecto relevante e recorrente nas pesquisas em aquisição de L2 tem sido a aquisição e o desenvolvimento das categorias funcionais. Em particular, conforme destacado em Hawkins (2001), os resultados dos experimentos têm demonstrado que os aprendizes tendem a manifestar dificuldades idênticas, verificando-se uma tendência a que os morfemas surjam na mesma progressão, independentemente de fatores como idade ou tipo de ambiente (natural ou de sala de aula). Do ponto de vista da teoria gerativa, tais resultados são relevantes: assumindo-se a hipótese inatista, e sua formulação em termos da teoria dos princípios e parâmetros, e analisando-se as propriedades sintáticas das categorias gramaticais envolvidas, pode-se dizer que o desenvolvimento observado nos dados do desempenho indica que mecanismos inatos estão sendo acionados na construção da representação mental da gramática da segunda língua. Ao mesmo tempo, as especificidades da AL2 dão ensejo a diferentes abordagens, particularmente em relação ao ponto a partir do qual se inicia a construção da gramática alvo, o estado mental inicial.

A discussão dessas questões no âmbito da teoria dos Princípios e Parâmetros remete ao pressuposto de que as categorias funcionais, definidas em oposição às lexicais (ou substantivas), assumem papel fundamental: considera-se que suas propriedades, em interação com os princípios da GU, manifestam diferentes padrões paramétricos, observados em uma dada língua ou em um grupo de línguas, o que explica a variação entre as línguas. Conforme destacado em Liceras (1996), o enfoque nas categorias funcionais em oposição às lexicais retoma abordagens no âmbito da psicolinguística e

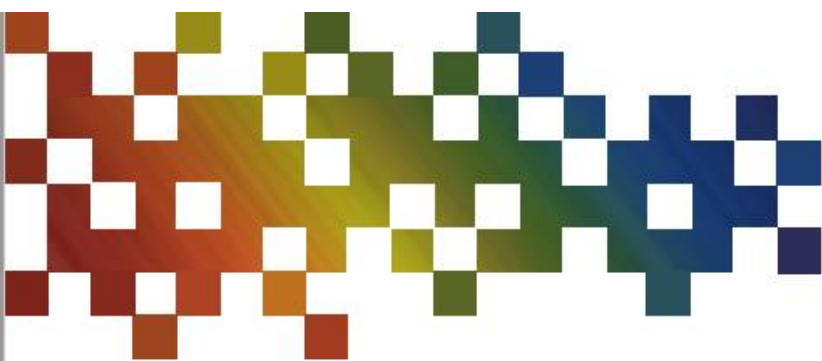


do estudo das patologias da linguagem, como no caso da afasia de Brocca, definida como um tipo de agramatismo, por evidenciar comprometimento na articulação (ou manifestação) de propriedades gramaticais do sistema linguístico, enquanto propriedades lexicais permanecem relativamente intactas.

Assumindo-se que a L1 é o estado mental inicial, os estudos a seguir apresentam uma análise das propriedades da LSB em relação ao tema investigado. Em particular, reportamos os resultados da pesquisa de Mesquita (2008), em relação à presença da categoria ‘preposição’ LSB, para interferência da L1 na interlíngua do surdo aprendiz de português (escrito) como L2, considerando particularmente estruturas com preposições em português. Em seguida, referimos os resultados da pesquisa sobre o sintagma nominal, considerando a LSB e a interlíngua. Apresentamos, em seguida, os resultados do estudo de Salles et al. (2015), em que é investigado o desenvolvimento linguístico em relação ao uso da preposição introdutora do argumento dativo, demonstrando-se o efeito da interferência da L1.

Características gramaticais da Língua de Sinais Brasileira (LSB): existem preposições em libras [LSB]?

O estudo de Mesquita (2008) parte do questionamento quanto à existência da categoria preposição em libras, tendo em vista a hipótese de que essa categoria não tem manifestação consistente nas línguas, havendo casos de línguas que possuem um amplo inventário, enquanto outras possuem um número restrito de preposições. No caso de libras, é reconhecido o uso dos parâmetros do movimento e da direção na estrutura do sinal como codificadores linguísticos de propriedades gramaticais usualmente realizadas por preposições em línguas orais como o português. Diante disso, Mesquita (2008) estabelece uma comparação entre predicados transitivos em português e libras, demonstrando a relação sistemática entre os chamados verbos de concordância, verbos



reversos e verbos com classificadores⁶, em LSB, e verbos que selecionam preposições na codificação dos casos dativo, locativo e instrumental, em português.

A autora observa que, conforme descrito na literatura, verbos de concordância e verbos reversos em LSB manifestam o parâmetro do movimento e da direção na estrutura do sinal, em que o ponto de origem e o ponto final correspondem a uma função sintática na estrutura do predicado – de sujeito/objeto, e de objeto, respectivamente (FERREIRA BRITO, 1995; QUADROS; KARNOPP, 2004). No caso do verbo de concordância PERGUNTAR, por exemplo, o movimento parte da posição (no espaço de sinalização) associada ao argumento que realiza a função sintática de sujeito (caso nominativo) e orienta-se para a posição (no espaço de sinalização) associada ao argumento que realiza a função sintática de objeto (caso dativo), enquanto o português recorre à preposição ‘para’ para realizar o objeto marcado para o caso dativo (sendo o sujeito marcado pela flexão de pessoa e número no verbo), conforme ilustrado em (1) e (2). Nesse sentido, o movimento e a orientação podem ser analisados como categorias gramaticais associadas ao caso dativo (cf. MEIR, 2002), assim como a preposição ‘para’ no português (MESQUITA, 2008).⁷

- (1) 1S-PERGUNTAR-2S.
- (2) Eu pergunto **para** você.

⁶ De acordo com Ferreira Brito (1998, p. 49), a definição de classificador é a seguinte: “morfema gramatical que é afixado a um morfema lexical ou sinal para mencionar a classe a que pertence o referente, descrevê-lo quanto à forma e tamanho, ou descrever a maneira como esse referente é segurado ou se comporta na ação verbal”.

⁷ Na transcrição dos dados da LSB, adotamos a notação em caixa alta com palavras do português, para indicar os itens em LSB realizados por sinais independentes, conforme Mesquita (2008), em observância a vários estudos prévios. Consideramos que a notação é suficiente para a designação dos fenômenos sob análise. A dêixis é referida pela notação IX, assim como os pronomes, que se realizam por apontação, seguidos da indicação de pessoa e número, conforme propõem Quadros; Karnopp (2004).

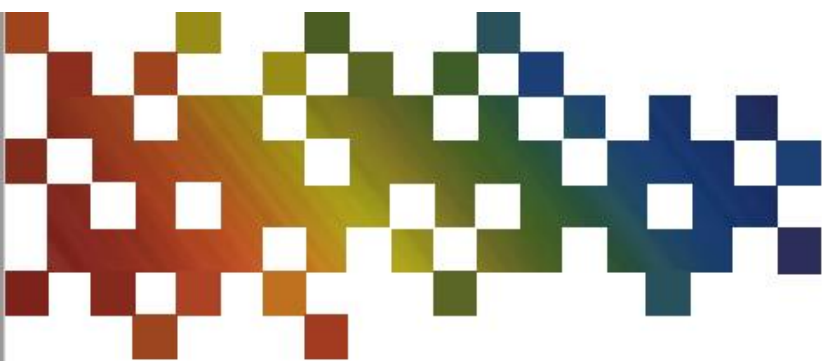


FIGURA 1: O sinal PERGUNTAR em Libras (CAPOVILLA ET AL, 2012: 1944).

Diferentemente, na codificação do caso locativo, tem-se em LSB o uso de uma categoria gramatical dêictica referida como advérbio locativo, seguida do sintagma nominal que denota a localização, enquanto em português essa denotação é realizada sintaticamente por um sintagma preposicional nucleado pela preposição ‘em’, conforme ilustrado a seguir com a forma contraída [*em+o=no*], com dados de Felipe (2001) e Salles et al (2002).

(3) TER VAGA IX_{DEIXIS} D-A-T-A-P-R-E-V?

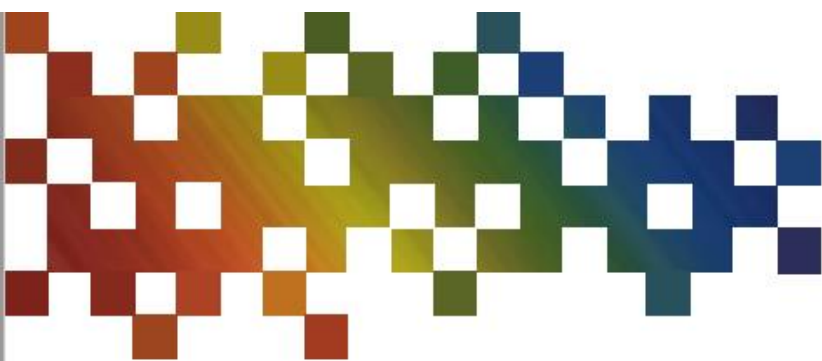
(4) Tem vaga aqui **no** DATAPREV?

Com verbos de movimento, os parâmetros do movimento e da direção na estrutura do sinal denotam a orientação para um alvo, o qual é realizado por um sintagma nominal locativo, enquanto em português o sintagma locativo é realizado na estrutura do sintagma preposicional, nucleado pela preposição ‘para’.

(5) ONTEM EL@ VIAJAR RECIFE.

(6) Ele/ela viajou **para** Recife.

Considerando os dados acima, com verbos de concordância (e reversos) (1), predicados existenciais (3), verbos de movimento (5), a autora conclui que não existe em libras uma categoria independente, realizada como um morfema livre, referida como ‘preposição’, na codificação das funções dativo e locativo, a qual, inversamente, está presente, em português (cf. (2), (4), (6)).



No entanto, o estudo de Mesquita (2008) avança no sentido de mostrar que existem outros contextos em LSB em que é encontrada uma categoria independente para estabelecer uma relação comitativa entre dois argumentos, a saber EU e RAINHA. Nesse contexto, é usado o item COM/JUNTO, conforme ilustrado a seguir, em contraste com a tradução para o português (cf. (7a-b)/ (8)):

(7) a.



Figura 2: Categoria JUNTO/COM (CAPOVILLA et al., 2012)

b. EU IR JOGAR-CRÍQUETE COM RAINHA.

'Eu vou jogar críquete com a rainha.'

(8) Eu vou jogar críquete **com** a rainha.

Além do contexto comitativo, Mesquita (2008) aponta, com base em dados colhidos na literatura, particularmente no dicionário Capovilla et al. (2012), e também de falantes nativos de LSB, que outros sinais são encontrados como categorias independentes, comparáveis às preposições em línguas como o português, como SEM, ATÉ, SOBRE, CONTRA, DENTRO. Diante disso, conclui que existem preposições em libras, e passa a observar os dados da interlíngua, buscando verificar se existe interferência (negativa/ positiva) da L1 na aquisição de preposições do português (escrito) como L2.

A interlíngua de surdos aprendizes de português brasileiro (escrito) L2



Em relação às propriedades gramaticais, a interlíngua de surdos tem sido analisada em vários estudos, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UnB.⁸ Passamos a apresentar uma síntese do estudo de Salles et al. (2015), com ênfase na sintaxe do argumento realizado como oblíquo/dativo. Um aspecto relevante na codificação do argumento dativo no português brasileiro é a preferência pela preposição ‘para’ em estruturas com verbos de transferência (embora haja variação com a preposição ‘a’). Os estudos demonstram que, nesse contexto sintático, a preposição ocorre como uma categoria funcional, uma vez que sua ocorrência é determinada por uma exigência da estrutura gramatical (cf. CHOMSKY 1986).⁹ Em outras línguas, são encontradas estratégias distintas, como flexão no nome, como no latim, ou a presença de categorias formais na estrutura morfossintática do verbo, como o chamado morfema aplicativo em línguas banto, conforme ilustrado em (9a), (9b) e (9c), respectivamente.

- (9) a. A menina deu um livro ao/para o amigo.
b. Servus domin-o paret.
servo.NOM mestre.DAT obedece
‘O servo obedece ao mestre.’

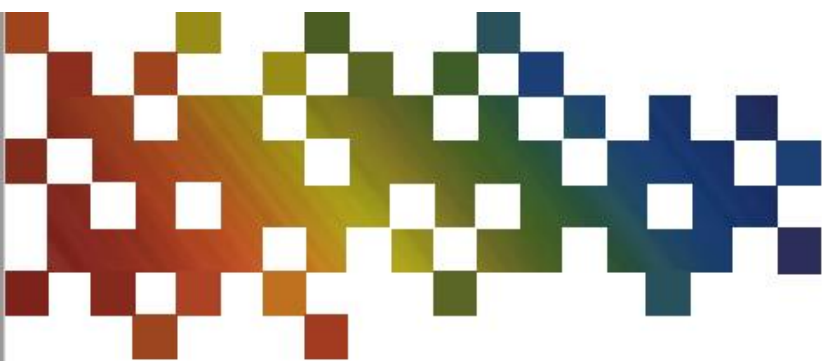
⁸ Um estudo pioneiro da interlíngua do surdo aprendiz de português (escrito) L2 é a dissertação de mestrado de Adriana Cristina Chan Vianna, de 2003, em que é investigado o desenvolvimento linguístico em estruturas de posse, particularmente o desenvolvimento da marcação do sintagma possuidor pela preposição ‘de’. Adotando metodologia transversal, com participantes vinculados ao contexto educacional, a autora conclui que, nos estágios iniciais da aquisição, a preposição não é encontrada nesse contexto, mas nos estágios subsequentes, essa categoria se manifesta, havendo inicialmente opcionalidade, pois são encontrados diferentes itens preposicionais, embora sua distribuição se mantenha uniforme como introdutora do sintagma nominal interpretado como *possuidor*.

⁹ Em Chomsky (1986), preposições lexicais alinham-se com nomes, verbos e adjetivos, em relação à capacidade de manifestar estrutura argumental (seleção-semântica). Em (i), o verbo ‘trabalhar’ seleciona o argumento ‘Maria’, e a preposição ‘com’/‘em’ seleciona o argumento ‘Paulo’ e ‘Brasília’ (cf. (i)). Diferentemente, preposições funcionais não selecionam argumentos e ocorrem na estrutura oracional na realização morfossintática de argumentos de outro predicado. Em (ii), o verbo ‘perguntar’ seleciona dois argumentos – ‘Maria’ e ‘Paulo’, e a preposição ‘para’ ocorre na realização do caso dativo.

(i) Maria trabalha com Paulo/ em Brasília.

(ii) Maria perguntou para o Paulo.

Aplicando-se à LSB, a hipótese de trabalho é a de que, nos contextos em que ocorrem sinais independentes, tem-se preposições lexicais, enquanto o parâmetro do movimento e da orientação associado à realização de argumento na estrutura do predicado são categorias funcionais/flexionais (morfemas presos). Essa ideia será reformulada em termos da hipótese de que tais categorias denotam a relação de posse que seleciona o argumento possuidor.



c. Ndinatumiz-ir-a mfumu chipanda cha mowa

1s.PASS.mandar.APL.ASP chefe recipiente de cerveja

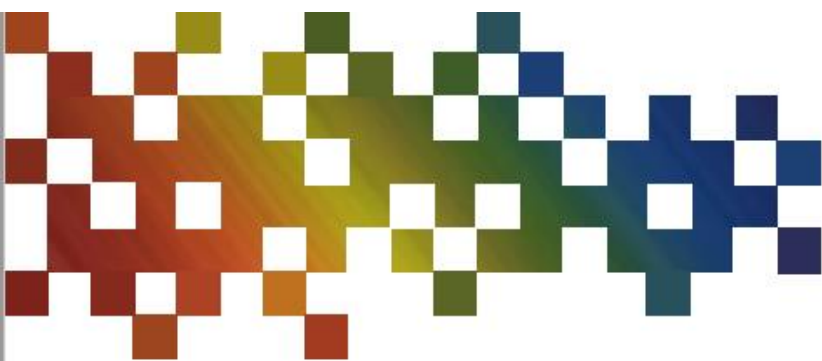
‘Mandei um recipiente de cerveja para o chefe.’

(exemplo da língua chichewa, família Banto, extraído de Baker 1988:9)

Conforme mencionado na seção anterior, na LSB, e em outras línguas de sinais, existem verbos que manifestam o parâmetro do movimento orientado para os pontos definidos no espaço de sinalização que correspondem aos argumentos selecionados pelo predicado. Em relação ao argumento interpretado como ‘alvo’, estudos prévios relacionam essa propriedade à codificação das funções gramaticais (cf. FERREIRA BRITO 1995; MEIR 2002; QUADROS; KARNOPP 2004, entre outros). Estabelecendo-se um paralelo com o morfema aplicativo das línguas banto (cf. (9c)), é possível supor que o parâmetro do movimento é uma categoria gramatical equivalente ao morfema aplicativo na estrutura morfossintática do verbo/ sinal.

Essa discussão é relevante para a caracterização do *input* linguístico da língua alvo (no caso, o português brasileiro) a que tem acesso o aprendiz surdo, bem como do estado mental inicial, que corresponde à língua 1 (no caso, a LSB), tendo em vista a hipótese da interferência da L1 (cf. WHITE 2003). Assumindo a hipótese de que a categoria preposição está presente na LSB, e que o parâmetro do movimento nos verbos de concordância é uma categoria gramatical é responsável pela codificação do caso dativo (cf. MESQUITA 2008), o estudo de Salles et al. (2015) analisa no desenvolvimento linguístico do português (escrito) L2, investigando a relação entre a ocorrência da preposição codificadora do dativo na interlíngua e a manifestação do parâmetro do movimento em verbos de concordância na LS.

Considerando-se a hipótese de que a L1 (LSB) é o estado mental inicial na AL2, bem como a interferência da L1 no desenvolvimento linguístico, a hipótese de trabalho é que a presença da preposição na interlíngua deve ser favorecida em sentenças com verbos que têm como correlatos verbos de concordância na LSB (interferência positiva). Os dados foram coletados em contexto educacional em atividade voltada para o tema transversal do ‘desmatamento’, em que os estudantes receberam um tutorial, em que Polifonia, Cuiabá-MT, v. 25, n.38.1, p. 01-192, maio-agosto.2018.



tiveram acesso a um texto, bem como a uma aula expositiva, com imagens e debate acerca do tema, seguindo-se um conjunto de perguntas que deveriam ser respondidas em português, por escrito.

A seguir, apresentamos uma amostra dos dados analisados, em seguida apresentamos uma análise para os dados em termos da teoria de Manzini & Franco (2016), uma contribuição que não consta do estudo anterior¹⁰.

I. Verbo com ou sem preposição dativa no PB – Verbo com concordância em LSB

Em (10) e (11), assumimos que o verbo ‘informar’, em português, pode ser traduzido por AVISAR na LSB, que é um verbo de concordância. Os dados da interlíngua indicam que o argumento dativo pode ocorrer com a preposição ‘para’ (cf. 10) ou sem preposição (cf. 11), ambos convergentes com o português, havendo opcionalidade na codificação gramatical desse argumento¹¹.

(10) A TV informar para a população. (AS,3)

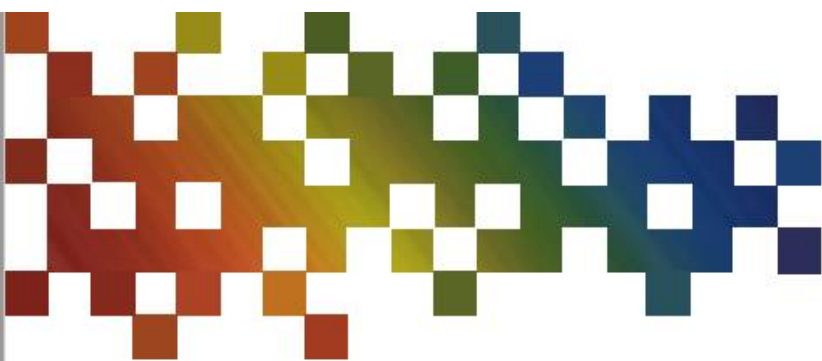
(11) Informar também __ povo muito mais (MP, 2)

II. Verbo com preposição dativa no PB – Verbo simples em LSB

Em (12) e (13), assumimos que o verbo ‘dizer’ tem como equivalente o verbo FALAR em LSB, que é um verbo simples (o parâmetro do movimento na estrutura do sinal não está orientado para a indicação do argumento ‘alvo’ no espaço de sinalização). Os dados da interlíngua indicam que o argumento dativo ocorre introduzido pela preposição ‘para’ (cf. 12), ou sem preposição (cf. 13), o que caracteriza a situação de opcionalidade na codificação do argumento dativo. Em (14), o argumento dativo permanece implícito, ou seja, tem realização é nula, conforme ilustrado em (14), com o verbo ‘explicar’, sendo seu correspondente o verbo simples EXPLICAR, em LSB.

¹⁰ Os dados são apresentados com uma codificação que indica as iniciais dos participantes (com nomes fictícios), e a série (do Ensino Médio) em que estavam matriculados.

¹¹ Ignoramos o fato de o sintagma nominal não apresentar o artigo, por ser irrelevante para a presente discussão.



- (12) Eu vou dizer para os jornalistas (SC, 3)
- (13) Eu vou dizer __ os indígenas (SC, 3)
- (14) A professora explicava computador da internet (AS, 3)

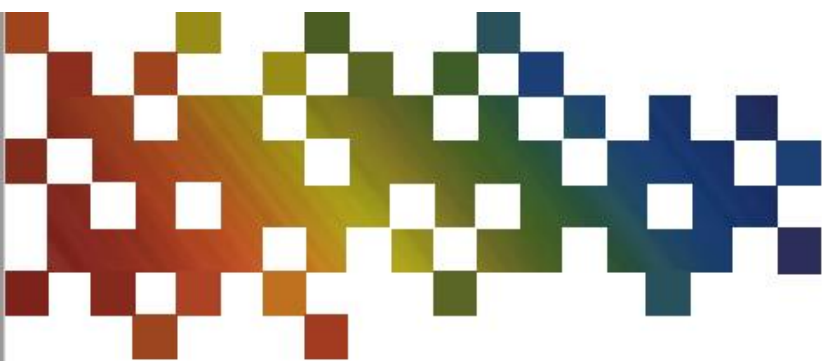
III. Verbo sem preposição dativa no PB – Verbo de concordância em LSB

Considerando inicialmente o verbo ‘ajudar’, verificamos que seu correspondente em LSB é AJUDAR, um verbo de concordância (o parâmetro do movimento é orientado do agente para o argumento interpretado como paciente no espaço de sinalização). Os dados da interlíngua mostram que o argumento interno pode ser realizado sem preposição, em convergência com o português (língua alvo), conforme (15), ou pela preposição ‘para’, conforme (17). Por sua vez, o argumento interno do verbo ‘provocar’ traduzido pelo verbo PROVOCAR, um verbo de concordância em LSB, é introduzido pela preposição ‘de’ e ‘para’, conforme (17) e (18), respectivamente. Finalmente, o argumento interno do verbo ‘influenciar’, traduzido pelo verbo INFLUENCIAR, um verbo de concordância em LSB, é introduzido pela preposição ‘para’.

- (15) Eu vou ajudar o Ka'apor.
- (16) O tribos ajudaram para guerreiros. Ka'apor.
- (17) A chuva provoca da árvore
- (18) A menina provocar para a amiga.
- (19) As aluno influencia para amiga que um coisa rouba.

Bases teóricas para a análise do argumento dativo e dos dados da interlíngua

Conforme mencionado, assumimos a hipótese de Meir (2002) de que o movimento direcional em LSB na estrutura morfológica de verbos de concordância é uma categoria gramatical que codifica o argumento interpretado como ‘alvo’. Nesse sentido, conforme propõe Mesquita (2008), o movimento direcional pode ser analisado como um correlato da preposição codificadora do caso dativo em línguas como o PB.



Como será demonstrado, os dados da interlíngua confirmam essa análise, tendo em vista a hipótese da interferência (positiva/ negativa) da interlíngua no desenvolvimento linguístico (cf. White 2003).

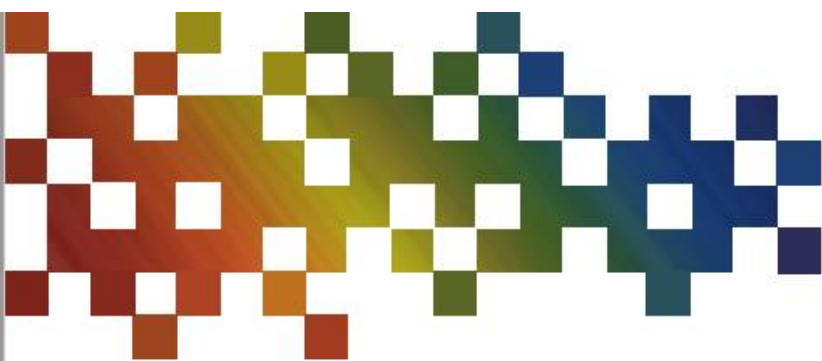
Na análise dos dados, assumimos, com Manzini & Franco (2016), que o argumento dativo é identificado por um conteúdo relacional que denota parte-todo, o qual abarca a posse inerente e material, a posse de um estado mental (experenciadores) e a localização (inclusão) (cf. BELVIN; DEN DIKKEN, 1997, citados pelos autores). Assumindo uma concepção decomposicional do predicado, os autores propõem que predicados transitivos manifestam duas camadas – uma que denota o evento associado à causação e outra, o evento associado ao resultado, o que pode ser expresso por um verbo leve (v), que seleciona um sintagma verbal (v-VP) (cf. CHOMSKY, 1995). Assumem ainda que as entidades entram em relações com objetos ou com eventos, mediante um núcleo relacional, que pode ser lexicalizado por uma preposição ou por uma categoria flexional de caso (oblíquo). Nessa projeção, é introduzido o argumento dativo e o argumento externo, que pode ser um DP objeto (tema), em predicados bitransitivos, ou o VP, em predicados monotransitivos.

Retomando os dados da LSB, propomos que parâmetro do movimento na estrutura morfológica do predicado (DIR) lexicaliza o núcleo relacional que introduz a relação de posse em verbos de concordância (monotransitivos e bitransitivos), conforme ilustrado em (20) e (21), respectivamente.

(20) ...[_{VP} [_{DP} eu] v [_{VP} AJUDAR [_{DirP} DIR [_{DP} o Ka'apor]]]]

(21) ...[_{VP} [_{DP} eu] v [_{VP} AVISAR [_{DP[tema]} Ø] [_{DirP} DIR [_{DP} OS indígenas]]]]

Considerando os dados do português brasileiro, podemos afirmar que a estrutura é idêntica, em relação aos verbos bitransitivos ('dar'; 'explicar'), em que o núcleo relacional é lexicalizado pela preposição 'para' (22). No entanto, diferentemente da LSB, o verbo 'ajudar' no PB não seleciona o núcleo relacional, já que o verbo é transitivo direto (cf. (23)), sendo a seleção do DP considerada opção 'default' (ou não

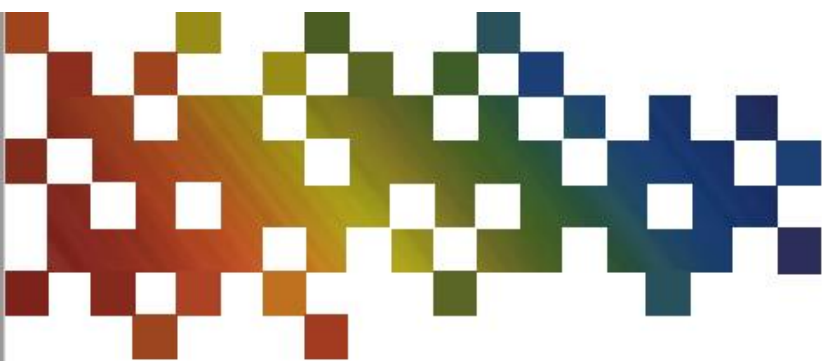


marcada), disponibilizada pela GU. Trata-se, portanto, de um contraste entre LSB e o PB, que se estende aos demais verbos do grupo III (assim como ‘provocar’, ‘influenciar’), que compara verbos com concordância em LSB e verbos sem preposição dativa no PB.

- (22) ...[_{VP} [_{DP} eu] aviso [_{VP} \forall [_{DP}_{tema}] \emptyset] [_{DirP} para [_{DP} os índigenas]]]]
(23) ...[_{VP} [_{DP} eu] ajuda [_{VP} \forall [_{DP} os índios Ka’apor]]]]

Com esses pressupostos, passamos a analisar os dados da interlíngua. Assumindo-se que (20) e (21) correspondem ao estado inicial da gramática da L1 (LSB) em predicados com verbos de concordância, podemos supor que, no grupo I, o uso da preposição ‘para’ nos dados da interlíngua indica que existe, por um lado, interferência positiva, uma vez que os predicados na L1 e na língua alvo compartilham a mesma estrutura, manifestando o núcleo relacional, e por outro, desenvolvimento linguístico, uma vez que o núcleo relacional é lexicalizado por uma preposição do inventário lexical da língua alvo, no caso, a preposição ‘para’. Ainda no grupo I, a ausência de preposição é convergente em relação à língua alvo, uma vez que, no PB, o verbo ‘informar’, a par da seleção do núcleo relacional, admite a realização do argumento interno como objeto direto, que é a opção *default* disponibilizada pela GU.

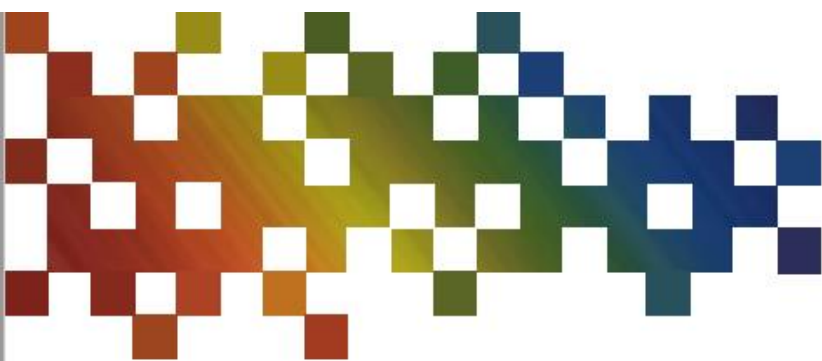
No grupo II, a L1 (LSB) e a língua alvo (PB) não compartilham propriedades em relação à presença do núcleo relacional, uma vez que o verbo DIZER na LSB é um verbo simples (sendo o argumento ‘alvo’ identificado por apontação) e no PB é um verbo que seleciona o núcleo relacional lexicalizado pela preposição ‘para’. A ausência da preposição indica haver interferência negativa, enquanto a presença da preposição, indica que existe desenvolvimento linguístico. Assumindo-se a variação paramétrica em relação à seleção do núcleo relacional, e a hipótese do acesso parcial à GU, supomos que o desenvolvimento linguístico, nesse caso, pode ser explicado em termos da hipótese de Tsimplici (2003; 2004) em relação à AL2 (cf. seção 1), segundo a qual, na ausência de compartilhamento de propriedades paramétricas entre a L1 (estado mental



inicial) e a língua alvo (L2), o mapeamento de traços formais abstratos restringe-se àqueles que manifestam aporte de interpretabilidade. Essa possibilidade se confirma em relação ao núcleo relacional e à preposição ‘para’, ambos definidos, por hipótese, por traços interpretáveis. Além disso, a ocorrência convergente da preposição ‘para’ com verbos do grupo I e o compartilhamento da semântica de transferência na denotação desses verbos vêm confirmar o papel do aporte semântico. Supõe-se que os traços lexicais relevantes estejam acessíveis ao aprendiz no *input* linguístico, o que se amplia pelo alinhamento semântico/ lexical com outros verbos que selecionam a mesma preposição (como no caso do grupo I).

O grupo III apresenta os resultados mais significativos em relação à hipótese de trabalho, uma vez que se verifica o uso quase sistemático da preposição nos dados da interlíngua, em um contexto em que os predicados selecionam o núcleo relacional na L1 (LSB), mas não na língua alvo (PB), o que configura um contraste paramétrico.

Considerando-se que o uso da preposição é não-convergente em relação à língua alvo, conclui-se que existe interferência negativa da L1. A previsão é a de que prevaleça a gramática marcada da L1, em que se manifesta o núcleo relacional, não havendo desenvolvimento linguístico no sentido da aquisição da gramática *default*, em que o argumento interno é realizado como objeto direto. Disso resulta o uso recorrente de preposição na fronteira do sintagma, lexicalizada com maior frequência por ‘para’, que tem utilização convergente em outros contextos sintáticos (conforme demonstrado em relação aos dados do grupo I e II), mas também admitindo a lexicalização por outro item, no caso a preposição ‘de’. Supõe-se que a convergência em relação ao uso da gramática *default* nesse contexto sintático poderá ser alcançado mediante exposição sistemática a um *input* da língua alvo com tais predicados, tendo em vista a possibilidade de acionar mecanismos de compensação para o desenvolvimento desse conhecimento linguístico (por exemplo, a memorização).



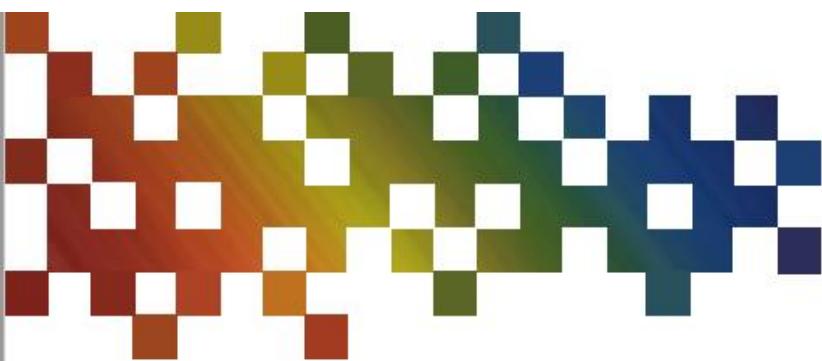
Considerações finais

O estudo teve por objetivo apresentar uma discussão acerca do processo de aquisição de português (escrito) como segunda língua por surdos falantes da Língua de Sinais Brasileira (LSB) em contexto educacional. Argumentou-se que a investigação dessas questões demonstra a relevância do tema e o potencial que detém para o desenvolvimento científico na investigação das línguas naturais. Adotando a abordagem da gramática gerativa (cf. CHOMSKY 1986, 1995), foram discutidos os resultados de estudos que investigam as propriedades gramaticais do LSB, bem como o desenvolvimento linguístico, particularmente em relação às características da interlíngua, na aquisição do português (escrito) como segunda língua. Em particular, demonstrou-se a validação de hipóteses formuladas no âmbito dos estudos da aquisição de segunda língua, notadamente em relação à interferência da L1, e ao papel das propriedades formais com aporte de interpretabilidade no desenvolvimento linguístico, desde que o *input* da língua alvo esteja disponível.

Em relação aos resultados alcançados, merece destaque as conclusões acerca do papel do *input* linguístico para a aquisição de estruturas em que a L1 (LSB) e a L2 (o português escrito) manifestam propriedades gramaticais divergentes. Em particular, conforme observado, tendo em vista a interferência negativa nesse caso, por um lado, e as restrições inerentes ao processo de AL2, caberá oferecer ao aprendiz um *input* sistemático, considerando-se a disponibilidade de mecanismos cognitivos de compensação, como, por exemplo, a memorização. Ficam, portanto, evidentes as implicações educacionais da pesquisa científica em relação à AL2.

Referências

CAPOVILLA, F. C. et al. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira**. vol. 1. 2. ed. São Paulo: Editora EDUSP, 2012.



CHAN-VIANNA, A.C. Aquisição de português por surdos: estruturas de posse. Dissertação de Mestrado. Brasília: Universidade de Brasília, 2003.

CHOMSKY, N. **Knowledge of language: its nature, origin and use.** London: Praeger, 1986.

_____. **The minimalist program.** Cambridge MA: MIT Press, 1995.

FELIPE, T. A. *LIBRAS em contexto* – livro do estudante/cursista & do professor. Brasília: MEC/SEESP (Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos). 2001.

FERREIRA BRITO, L. **Por uma gramática de línguas de sinais.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro / UFRJ, 1995.

GUASTI, M-T, **Language acquisition: the growth of grammar.** The MIT Press, Cambridge, Mass., 2002.

HAWKINS, R. **Second language syntax: a generative perspective.** Oxford: Blackwell Publishers, 2001.

LICERAS, J. **La adquisición de las lenguas segundas y la gramática universal.** Madrid: Editorial Sintesis, 1996.

LOPES, R.; QUADROS, R. Traços semânticos na aquisição da linguagem: há efeitos de modalidade de línguas? *Revista da ABRALIN*, v. 4, n. 1, p. 75-108, dez 2005.

MANZINI, M. R.; L. FRANCO. Goal and DOM datives. **Natural Language and Linguistic Theory** 34(1), p. 197-240, 2016.

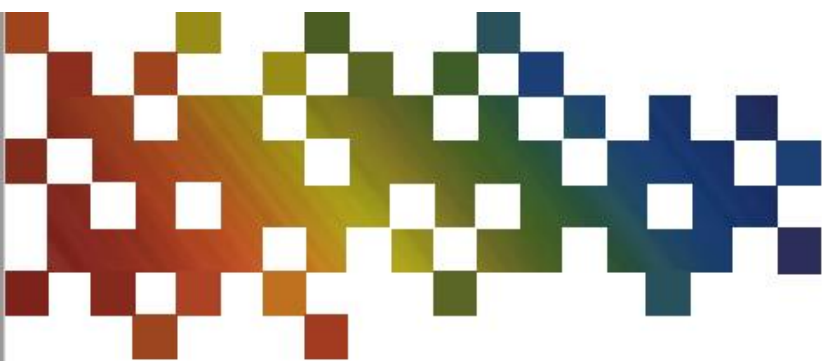
MEIR, I. A cross-modality perspective on verb agreement. **Natural Language and Linguistic Theory** 20: Kluwer Academic Publishers. Netherlands, p. 413-450, 2002.

MESQUITA, A. C. R. A categoria preposicional na interlíngua do surdo aprendiz de português (L2). Dissertação de Mestrado. Brasília: Universidade de Brasília, 2008.

QUADROS, R. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

QUADROS, R. M.; L. B. KARNOPP. **Língua Brasileira de Sinais: estudos linguísticos.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

Polifonia, Cuiabá-MT, v. 25, n.38.1, p. 01-192, maio-agosto.2018.



SALLES, H. M. L. et al. **Ensino de Língua Portuguesa para Surdos**: caminhos para a prática pedagógica vol 1 e 2. Brasília: MEC/SEESP (Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos), 2002.

SALLES, H.; NAVES, R. Estudos gerativos: fundamentos teóricos e de aquisição de L1 e L2. In: SALLES, H.; NAVES, R. (Orgs.) **Estudos gerativos da Língua de Sinais Brasileira e de aquisição de português (L2) por surdos**. Cânone, Goiânia, 2010, p. 19-32.

SALLES, H. M. M. L.; L. PIRES. Desenvolvimento linguístico na aquisição de português L2 (escrito) por surdos: a estrutura do sintagma nominal. *Revista da ABRALIN*, volume eletrônico, número especial, p. 189-208, 2011.
<http://abralin.org/site/revista-abralin/edicoes-antiores/2011-vol-especial-1o-parte>

SALLES, H. M. L. et al. Enunciados inferenciais e estrutura gramatical na interlíngua de surdos aprendizes de português L2. *Revista Espaço* 44. Rio de Janeiro: INES, p. 105-124, 2015.

SANTANA, L. Aquisição da categoria preposicional do português escrito por surdos. Dissertação de Mestrado, Vitória da Conquista: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2015.

SCHWARTZ, B. **The second language instinct**. *Língua* 106, p. 133-160, 1998.

SORACE, A. Initial states, end-states, and residual optionality in L2 acquisition. *Proceedings of the 23rd Boston University Conference on Language Development*. Somerville, MA: Cascadilla Press, p. 666-674, 1999.

TSIMPLI, I-M. Clitics and determiners in L2 Greeks. In: Juana Liceras et al. (eds.) **Proceedings of the 6th Generative Approaches to Second Language Acquisition Conference (GASLA)**, Somerville, Massachusetts: Cascadilla Proceedings Project, 2002.

_____. **Features in L1 and L2 acquisition**: evidence from Greek clitics and determiners. In H. Hendricks (ed.). Special Issue of AILE. 2003.

WHITE, L. **Second language acquisition and Universal Grammar**. Cambridge, Mass.: Cambridge University Press, 2003.